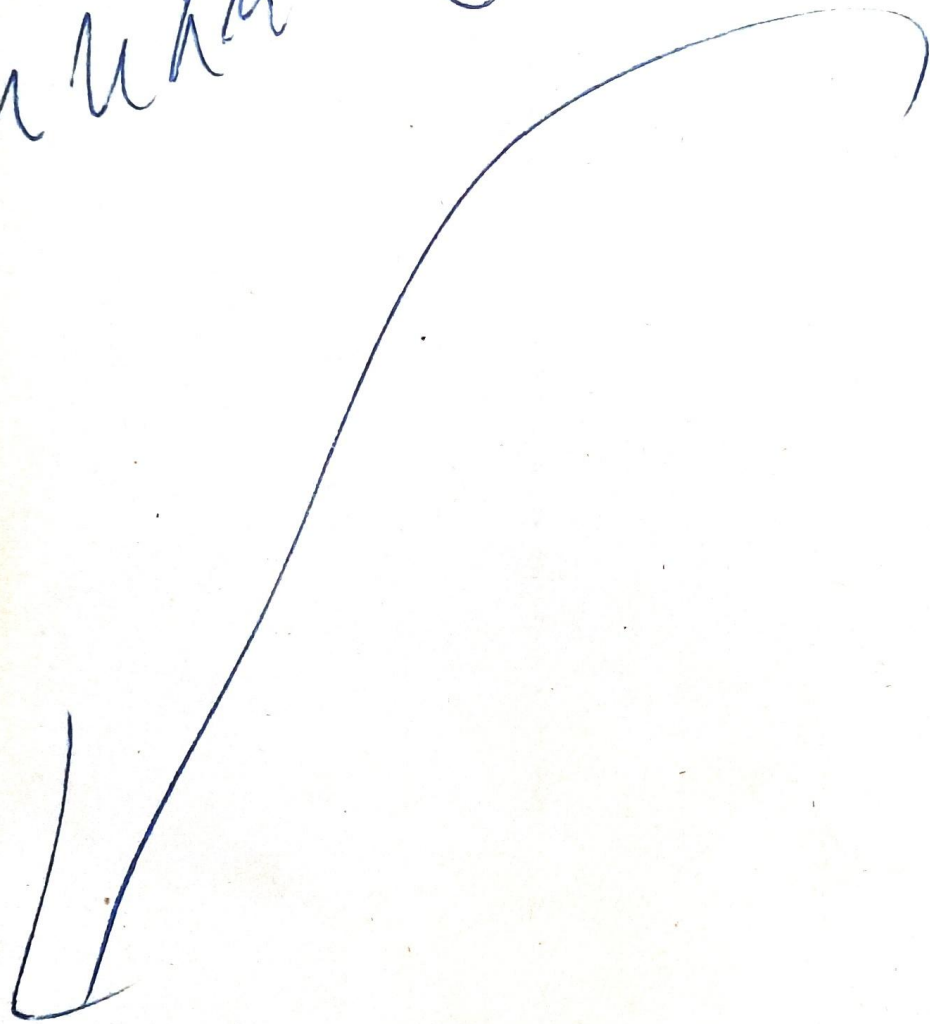
5.ª edição

A COR DA PELE

ADÃO VENTURA Ferreira Reis nasceu em Sêrro, Estado de Minas Gerais, em 1946. Formado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 1971, em 1973 foi convidado pela **The University of New Mexico** para lecionar Literatura Brasileira Contemporânea, nos Estados Unidos. No mesmo ano, participou de um Congresso de Escritores Internacionais (**International Writing Program**) promovido pelo Departamento de Letras da **University of Iowa**.

A COR DA PELE

FICHA CATALOGRÁFICA
Catalogação na fonte

V468a

VENTURA, Adão.
A cor da pele. Belo Horizonte, Edição do Autor, 1980.
72 p.

I. Título

C D U: 8-1
C D D: B869

Pedidos:
Adão Ventura
Av. Augusto de Lima, 270
30.000 – Belo Horizonte/MG

BELO HORIZONTE

1980

A COR DA PELE

A COR DA PELE

é dedicado aos 90 anos da abolição
da escravatura no Brasil
e,
aos que lutaram
por ela:
Ganga Zumba,
Chico Rei,
Henrique Dias,
Luiz Gama,
Cruz e Souza
e José do Patrocínio.

Aos meus avós:
Teodoro da Fazenda
e Dona Justina.

Aos meus pais
e irmãos.

DUAS OPINIÕES CRÍTICAS SOBRE ADÃO VENTURA:

1

RUI MOURÃO

O POETA SE RENOVA

A transformação operada por Adão Ventura em sua poesia se apresenta como das mais radicais. Abandonando a composição de sobrecarga metafórica e de decidido engajamento surrealista, ele partiu para a simplificação, para o discurso direto, seco. Rompeu com a atitude intelectualista, quis despojadamente manter fidelidade ao que há de palpitante na sua experiência de homem cujo drama se impõe a partir da "cor da pele". O resultado é uma poesia social nos termos da que melhor se realiza nos países africanos de hoje.

Contrariando a expectativa do leitor, ao assumir a postura atual Adão Ventura não vem para denunciar aspectos de preconceito racial porventura existente no Brasil. A esse respeito, a única referência que aparece no livro é afirmação de que o seu sonho **"não é ter uma mulher branca / que me chame de crioulo / a vida inteira"** e **"que me acuse de ter misturado / sua raça"**. Pode-se perguntar, entretanto, se o que aí se exprime não é apenas um sentimento de autodesvalia. E essa interpretação ganha força ao considerarmos os versos citados no contexto geral da coletânea, onde o que se vê, do princípio ao fim, é a caracterização da tragédia histórica da raça que, tendo atravessado os **"frios ghetos"** de um período em que homens eram usados por outros homens como máquinas de produção, ainda hoje não conhece verdadeiramente a liberdade. Na parte intitulada "Das Biografias", lemos: **"enormes correntes / amarram-me ao tronco / de uma Nova África"**.

O que se alterou foi a forma de servidão e isso aparece nítido no poema "O Negro-Escravo (Uma Versão para o Século XX), onde se declara que as marcas da violência de agora são os **"seus punhos ocos"**, **"seus dentes cariados"**, **"o seu dormir passivo"**, **"seu corpo servil"**. O beneficiado pela Lei Áurea trocou por outra a sua submissão: passou a viver sob o jugo do poder econômico capitalista. **"Minha carta de alforria"**, diz o poeta, **"não me deu fazendas, / nem dinheiro no banco, / nem bigodes retorcidos"**. Por isso mesmo, sua atitude é a de se fechar e se revoltar: **"eu-zumbi, / caçador de capitão-do-mato, / traço tudo no tiro / e asso em coivaras"**.

A condição do negro continua sendo a do emparedado, realidade dramaticamente denunciada por Cruz e Souza na vigência da escravidão legal e que persiste nestes tempos de escravidão consentida. É o que insistentemente está sendo comunicado em referência que se acumulam: "**carrego comigo / a sombra de longos muros / tentando impedir / que meus pés / alcancem o final dos caminhos**"; a opressão surge como paredes "**de antigas datas e ferrugens**"; o caminhar é sempre pelos "**corredores da noite / da minha pele**". "Faça Sol ou Faça Tempestade", o corpo, "**fechado / por esta pele negra**", se apresenta "**cercado / por estes muros altos / — currais**". Não parece haver saída para os que se encontram em tal situação, pois só o caminho da subserviência, do aviltamento e da deformação moral acaba sendo o daquele que se põe "**cada vez mais distante / do corpo da Grande Mãe-África**", na tola ambição de tentar a conquista de uma "**alma branca**". A fatalidade de todos é ser "**negro de ganho / no lombo e lenha / na alma e canga**". A expressão desse estado de clausura social torna-se ainda mais forte quando aparece a sugestão de que o sistema de bloqueio se confunde com o próprio corpo, ao vesti-lo confundido com a própria pele:

para um negro
a cor da pele
é uma sombra
muitas vezes mais forte
que um soco.

para um negro
a cor da pele
é uma faca
que atinge
muito mais em cheio
o coração.

2

FÁBIO LUCAS

A Cor da Pele de Adão Ventura explora um campo novo da literatura brasileira, ao poetizar o nosso complexo racial a partir da herança africana. O poeta assume a tragédia do negro "sem perfumar sua flor sem poetizar seu poema" (João Cabral de M. Neto): contempla o ser-no-mundo de sua sensibilidade negra sob o impacto de uma sociedade mestiça, habituada à ideologia colonialista européia, presumidamente branca e intrinsecamente agressora. O poeta, assim, vê o mundo do lugar onde a cultura é expressão monopolítica do poder colonial branco.

É claro que a consciência da cor, embora dê origem a uma consciência social e a protesto, não faz o poeta. O poeta, em Adão Ventura, já vem feito ao chegar à temática negra. Só que, agora, alcança uma realização mais depurada, mais dirigida, mais carregada de História, pois sai do mundo neutro da magia.

O poeta assume a biografia soterrada por montanhas de preconceitos. Daí, talvez a força com que brota e se manifesta. Adão Ventura faz o lirismo da revolta, um Cruz e Sousa às avesssas. E paulatinamente ingressa na órbita da poesia social, exprimindo os obstáculos de uma raça, de uma cor e de uma situação humana insuportável. Versos curtos, diretos, nada descritivos do mundo exterior nem de indecisões interiores:

para um negro
a cor da pele
é uma faca
que atinge
muito mais em cheio
o coração.

O poeta é quase escolástico em sua ânsia de definir o estado geral dos negros:

faça sol
ou faça tempestade,
meu corpo é fechado
por esta pele negra.

A Cor da Pele tem a agudeza e o corte de um bisturi. E desloca a poesia de Adão Ventura para novo horizonte.

livro 1

Das Biografias

UM

em negro
teceram-me a pele.
enormes correntes
amarram-me ao tronco
de uma Nova África.

carrego comigo
a sombra de longos muros
tentando impedir
que meus pés
cheguem ao final
dos caminhos.

mas o meu sangue
está cada vez mais forte,
tão forte quanto as imensas pedras
que os meus avós carregaram
para edificar os palácios dos reis.

DOIS

de pés no chão
palmilhei duros eitos
movidos a chuva e sol.

de pés no chão
atravessei frios **ghetos**
de duras cicatrizes.

de pés no chão.
Teodoro, meu avô
envelheceu mansamente
as suas mãos escravas.

TRÊS

o meu sangue-cachoeira
é terreiro de folia,
dor jogada ao vento,
cachaça engolida inteira,
sapateio de meia-noite,
noite de São João,

— jogo de cartas,

conversa de preto velho.

livro 2

Da Servidão e Chumbo

EU,
PÁSSARO-PRETO

eu,
pássaro-preto,
cicatrizo
queimaduras de ferro em brasa,
fecho corpo de escravo fugido
e
monto guarda
na porta dos quilombos.

PARA UM NEGRO

para um negro
a cor da pele
é uma sombra
muitas vezes mais forte
que um soco.

para um negro
a cor da pele
é uma faca

que atinge

muito mais em cheio

o coração.

FLASH BACK

áfricas noites viajadas em navios
e correntes,
imprimem porões de amargo sal
no meu rosto,
construindo paredes
de antigas datas e ferrugens,
selando em elos e cadeias,
o mofo de velhos rótulos deixados
no puir dos olhos.

PRETO DE ALMA BRANCA:

LIGEIRAS CONCEITUAÇÕES

o preto de alma branca
e o seu saco de capacho.

o preto de alma branca
e os seus culhões de cachorro.

o preto de alma branca
e a sua cor de camaleão.

o preto de alma branca
e o seu sujar na entrada.

o preto de alma branca
e o seu cagar na saída.

o preto de alma branca
e o seu sangue de barata

cada vez mais distante
do corpo da Grande Mãe-África.

O NEGRO-ESCRAVO

(uma versão
para o Século XX)

o negro-escravo
— e seus punhos ocos.

o negro-escravo
— e seus dentes cariados.

o negro-escravo
— e o seu dormir passivo.

o negro-escravo
— e o seu corpo servil.

NEGRO FORRO

minha carta de alforria
não me deu fazendas,
nem dinheiro no banco,
nem bigodes retorcidos.

minha carta de alforria
costurou meus passos
aos corredores da noite
de minha pele.

QUILOMBO

mundo onde me fecho.

eu-zumbi,

caçador de capitão do mato,

traço tudo no tiro

e asso em coivaras.

FAÇA SOL
OU FAÇA TEMPESTADE

faça sol ou faça tempestade,
meu corpo é fechado
por esta pele negra.

faça sol ou faça tempestade
meu corpo é cercado
por estes muros altos,
— currais
onde ainda se coagula
o sangue dos escravos.

faça sol
ou faça tempestade,
meu corpo é fechado
por esta pele negra.

NEGRO DE GANHO

negro de ganho
negro de lenho,
negro de lenha,

negro de ganho
no lombo a lenha
na alma a canga.

SENZALA

senzala
é a minha carne retalhada
pelo dia-a-dia.

senzala
é a sombra que tenho aprisionada
nos **ghetos** da minha pele.

MEU SONHO

meu sonho
não é ter uma mulher branca
que me chame de crioulo
a vida inteira.

meu sonho
não é ter uma mulher branca
que me acuse de ter misturado
sua raça.

POR QUE
JESUS CRISTO
É SEMPRE BRANCO?

— e os negros?
— e os índios?
— e os amarelos?
— e os chicanos
do Estado do Novo México?
— e os cafusos
de Santo Antônio do Itambé?

livro 3

Raízes

ALGUMAS INSTRUÇÕES DE COMO LEVAR UM NEGRO AO TRONCO

levar um negro ao tronco
e cuspir-lhe na cara.

levar um negro ao tronco
e fazê-lo comer bosta.

levar um negro ao tronco
e sarrafiar-lhe a mulher.

levar um negro ao tronco
e arrebentar-lhe os culhões.

levar um negro ao tronco
e currá-lo no lixo.

TEODORO, MEU AVÔ

suas calejadas mãos
vaquejando nuvens perdidas
                    na memória.

suas calejadas mãos
pastoreando madrugadas
em lombos de cavalos misteriosos.

suas calejadas mãos
apascentando
tênues luzes de luares
em remotas fogueiras
                    de São João
                    & cachaças.

suas calejadas mãos
analfabéticas
marcadas
suadas
picadas
indefinidamente
até o último escorpião.

TEODORO, MEU AVÔ

sua voz sentida
pela noite adentro.

sua voz falida
pelas portas adentro.

sua voz sofrida
pelo sangue adentro.

MINHA AVÓ

vovó justina
preta minas
preta mina
preta forra
preta de forno
& fogão.

vovó justina
preta forró
preta mucama
preta de cama

& cambão.

PAPAI-MOÇAMBIQUE

papai-moçambique
— viola e sapateio
— desafio de versos
fogosos.

papai-moçambique
senta pé na fogueira

&

de um salto
pára o olho

no ar

banzando saudades
d'outras Áfricas.

MEU PAI

(I)

meu pai já está velho
                    e cansado
em Sêrro ou em Soweto.

meu pai já está velho
                    e cansado
ainda que faça sol
                    em Johannesburgo.

mas,
as suas mãos
ainda não estão
tão trêmulas,
ao ponto de errar o corpo
de um Mr. Vorster.

CANTIGA

bisavó-mãe-zefa
com suas trouxas de nuvens
engomadas,
carpindo moinhos de coivaras
e fantasmas,

bisavó-mãe-zefa
com suas anáguas de bilro,
tecendo encantos
de lencinhos de seda pura
made in São Gonçalo do Milho Verde.

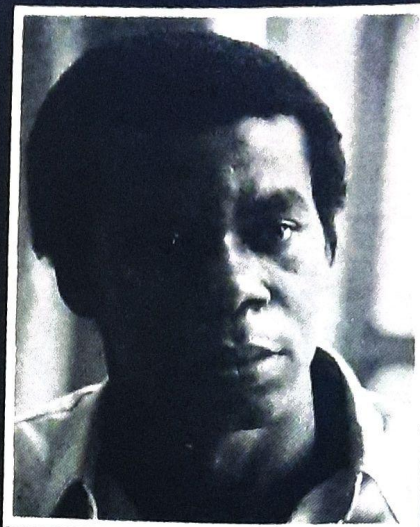
livro último

1) a cor da pele
saqueada
e vendida.

a cor da pele
chicoteada
e cuspida.

a cor da pele
camuflada
e despida.

a cor da pele
vomitada
e engolida.

2) a cor da pele
esfolada
em banho-maria.

Livros Publicados:

Abrir-se um Abutre ou Mesmo Depois de Deduzir Dele o Azul (Textos/Poemas) — Edições Oficina — Belo Horizonte, MG, 1970.

As Musculaturas do Arco do Triunfo (Textos/Poemas) — Editora Comunicação — Belo Horizonte, MG, 1976.

Antologia Poética — Interlivros de Minas Gerais — Belo Horizonte, MG, 1976.

Cem Poemas Brasileiros (Antologia Poetica) — Editora Vertente — São Paulo, SP, 1980.

Publicações no Estrangeiro:

Modern Poetry in Translations 19-20 (Uma Antologia de Poetas dos Seculos XIX e XX), publicada pelo **International Writing Program** da **University of Iowa** — Iowa City, U.S.A., 1973.

Revista Nova (I) (Uma Antologia de Poetas do Mundo Hispano-Americano) — Portugal, 1975.